

Sophia e o nome das coisas

Pensamento
e obra de Sophia
de Mello Breyner
Andresen

Índice

Nuno Higinio Prefácio	9
Brunello Natale de Cusatis Sophia e Cinatti: uma amizade (extra) literária	13
Carlos Ceia "Recomeçar cada coisa a partir do princípio": o caminho do eterno retorno na poesia de Sophia	25
Diogo Alcoforado Ainda Sophia: O Nome das Coisas, poesia e filosofia - algumas notas soltas	47
Hugo Monteiro Um eco do momento primeiro	57
José Manuel Martins "O dia fala grego". O πολεμος de arte e belo natural: "altura" ontológica e histórica da presença em Sophia de Mello Breyner Andresen	67
João Maria Carvalho Sophia e Heidegger, uma arte poética	81
Luís G. Soto Sophia, poesia e dom	91
Luís Lóia Sophia de Mello Breyner Andresen: poesia em si, poesia e poema	101
Maria Celeste Natário Poesia e Sophia: "caminho no passeio, rente ao muro, mas não caibo na sombra"	111
Maria de Fátima Lambert Os retratos de Sophia: génese e perceção estética de outrem	119

“O dia fala grego”. Ο Πολεμος de arte e belo natural: “altura” ontológica e histórica da presença em Sophia de Mello Breyner Andresen

José Manuel Martins

Universidade de Évora

*Alta e solene mais alta do que a luz
A pesada palidez sagrada do Pártenon
Reina sobre o dia.*

(SOPHIA DE MELLO BREYNER, “A KORÉ”, *ILHAS*)

A iniciar, colocaremos em rima poética pensante um fragmento de Sophia (esta estrofe inicial do poema “Korê”, *in Ilhas*) e outro de Theodor Adorno, deixando-os operar livremente como (diz Heidegger) “a linguagem, que é a linguagem do ser como as nuvens são as nuvens do céu” (último parágrafo da *Carta sobre o Humanismo*).

Num dos raros momentos solares da sua *Teoria Estética*, dá Adorno a ler a fulguração sóbria desta linha sem igual:

(...) südliche Länder wolkenlose Tage kennen, die sind, als ob sie darauf warteten, wahrgenommen zu werden. (Adorno 1990, 114) – (...) países do sul há, que conhecem dias sem nuvens que são como se aguardassem ser percebidos.

Na *regio imaginalis* das geografias qualitativas, o Sul absoluto – “a sul do sul” – assinala e localiza a hora do dia pleno, o *Midi* do mundo: aí onde a pura vertical do zênite coincidissem, “um dia”, mas sem a perfazer, a inquieta deriva meridional do horizonte.

Esse lugar geográfico, cósmico, natural e historial da *luz* irrestrita é, na “poesia imanente” de Sophia, a Grécia, grafada no seu nome. (Adorno, sem fidelidades tradicionalistas que, no caso heideggeriano, sustentam um problemático eixo de destinação historial Hélade–Germânia, mantém indeterminada e “não-idêntica” essa luminosidade dos céus “de países” – mas “céus” que não deixam todavia de serem “de” / “países”... historicizando de antemão a mais imaculada comparência da natureza pristina).

Luz manifestativa das coisas e pura diafaneidade difusiva em ato (“recorte” ontológico de *cada* “coisa” no seu ser), antes de ser luz solar incidente, direcional:

– Pedra rio vento casa
Pranto dia canto alento
Espaço raiz e água.
 (“PÁTRIA”, *LIVRO SEXTO*, 1962)

e também de *todas*:

A luz recortava uma por uma todas as covas da areia.
 (“HOMERO”, *CONTOS EXEMPLARES*, 1962)
(...) um lugar de transparência.
 (“O REI DE CHIPRE”, *ILHAS*, 1989)

não só meridional, como inteiro nele mesmo, auto-imanente enfaticamente – “insular”:

Como quem só em ilhas habitasse (*ibidem*)

Luminosidade do haver do mundo, não algo havido, nele. Mesmo se

Olho para a ânfora na pequena loja dos barros [uma Hélade antiquíssima em Lagos de veraneios burgueses, hoje].
Aqui paira uma doce penumbra. Lá fora está o sol. A ânfora estabelece uma aliança entre mim e o sol.
 (“ARTE POÉTICA I”, *GEOGRAFIA*, 1967)

Porque a luz é a luz do “dia” (“há dias sem nuvens...” – Adorno –), antes de ser a luz astral da *natura naturata*, a luz do sol: pois que “também aqui, na ‘penumbra’, reinam os deuses” de Heraclito e, expressamente, os de Sophia (as “Deméter, Ísis” desse mundo “religado” pela nomeada *coisa* – a ânfora – no quadripartido de mortais, imortais, terra, céu, a que Sophia chama “reino” e que é diretamente saída, não do opúsculo heideggeriano sobre o mesmo tema de 1950, por artes cultas de biblioteca atualizada, mas de um “temário”, de uma *thesis*, de uma posição muito mais funda que ambos partilham e de onde ambos deliberadamente provêm). Uma ânfora ou um cântaro que só são “a mesma coisa” e o mesmo ser-coisa, nas duas aparentadas “exemplificações” poético-filosóficas, na medida em que relevam da mesma “coisa” ou causa do pensar – sempre referida à insular meridionalidade irradiante da Grécia.

E porque a luz do Dia não é a luz *diurna*, mas, antes dela acesa ou apagada, aquela que também doa “o azul suspenso da noite” no qual igualmente buscamos (uns parágrafos abaixo), como num “perfume de orégão” (“Arte Poética” I e II), o “reino” – de Chipre, ou do Pártenon. Ou já a do poema, que comunga ontologicamente dessa imanência de luz, coisa e nome, e se faz lugar e modo da luz de *haver*, sedimento e sedimentação do ser do ente na instância da obra operante (para o dizermos heideggerianamente): “Era [o de ‘Homero’ epónimo do Búzio como ‘aquele que é mandado embora’] um longo discurso claro, irracional e nebuloso que parecia, como a luz, recortar e desenhar todas as coisas.” (Sophia s.d., 203). Uma luz, afinal, “nebulosa”, mas talvez (Heidegger) “tal como as nuvens são as nuvens do céu”, as que lhe pertencem e à sua luminosidade anterior – do mesmo modo que só “desde” o lugar do “silêncio da palavra se erguem as coisas nomeadas” (“Pátria”) (lugar oximórico, apenas para a linguística da Modernidade, que, obedecendo à metafísica da representação da “época da imagem do mundo”, e à sua consumação técnica como dispositivo de manipulação, não somente dos entes, mas do ôntico como tal, toma a palavra como signo computável); e, ademais, “irracional”, essa luz – a desdizer o perfeito classicismo do logos arquetónico helénico.

Com efeito, iremos encontrar, tanto em Adorno como em Sophia, uma inquietude concomitante, que (a)tinge as figuras da luminosidade com o surdo rumor da História – inquietude atenuada e reconciliada, no caso da poeta, excruciante e imperativa, na dialética para sempre negativa do inabalável teórico-crítico.

Queríamos aqui mostrar de que modo a sagacidade plenamente cônica de Sophia lhe permite fazer a travessia daquilo que se poderia (então sim, ingenuamente) afigurar ser uma idealidade ingênua (em que “Grécia” e suas estátuas fossem, para adultos, o regresso arcaico à idade primeira que, para